

ELTON BRUNO PINHEIRO
(Organizador)

Pesquisa e Produção em LINGUAGEM SONORA: Experiências Compartilhadas

||| Autores e Autoras |||

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis |
Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani
Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves |
Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira
| Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura |
João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale
| Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli
| Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana |
Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schimitt |
Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thyanne Beatriz | Vinicius Vinhal

Pesquisa e Produção em Linguagem Sonora: Experiências Compartilhadas

Organizador

| Elton Bruno Pinheiro |

Autores e Autoras

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis | Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves | Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira | Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura | João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale | Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli | Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana | Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schmitt | Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thayanne Beatriz | Vinicius Vinhal



...

A correção gramatical, ortográfica, as ideias e opiniões expressas nos diferentes relatos acadêmicos que integram este livro eletrônico são de exclusiva responsabilidade dos(a) autores(as) e coautores(as) que assinam os capítulos que compõem a presente obra coletiva.

...

Copyright © 2018 by FAC-UnB

Capa Edição de Arte – LabAudio/FAC
Diagramação Elton Bruno Pinheiro
Revisão Ariane Lamarão
Apoio Núcleo de Estudos e Produção Digital em
Linguagem Sonora | FAC/UnB



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte,
s/n - Asa Norte, Brasília - DF, CEP: 70910-900,
Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Gerales, Fernando Oliveira Paulino,
Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina,
Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg
(Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF),
Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún
(Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman
Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e
Madalena Oliveira (Portugal).

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Rafiza Varão

Catálogo na Publicação (CIP)

P474 Pesquisa e produção em linguagem sonora : experiências
compartilhadas / Elton Bruno Pinheiro, organizador. –
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de
Comunicação, 2018.
225 p. ; 29 cm.

ISBN 978-85-93078-30-9.

1. Linguagem sonora. 2 Produção em áudio. 3. Rádio. 4.
Gêneros e formatos radiofônicos. 5. Laboratório de áudio. I.
Pinheiro, Elton Bruno (org.).

CDU 654.195

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

(((Prefácio)))

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996, p. 24), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Convenhamos que esse tipo de atividade não é comum nos cursos de Comunicação. Muitos(as) vão experimentar a escrita acadêmica (com o auxílio de método e reflexão teórica sobre o objeto de pesquisa) apenas no final da jornada de 4 anos, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Por isso, quanto antes os(as) alunos(as) exercitarem, melhor. Qualquer estímulo nesse sentido é sempre bem-vindo.

Diante disso, a proposta que nasce aqui tem outro (grande) desafio: fazer com que o produto (no formato de e-book) desse trabalho pedagógico tenha continuidade e estimule outras universidades a experimentar esse modelo. Ganha o ensino de Comunicação, ganha a FAC/UnB, ganha o professor responsável pelo projeto, ganham os futuros profissionais da área...

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília

(((Sonoridades Compartilhadas – Apresentação)))

Os textos aqui reunidos constituem uma síntese dos conhecimentos compartilhados e aprendizados reverberados pelos(as) estudantes de Audiovisual, Publicidade e Jornalismo no âmbito do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação em três disciplinas – Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1 – ministradas ao longo do ano letivo 2017.

Configura-se como um primeiro registro de um processo mais longo, que visa ampliar a compreensão de cada estudante quanto às possibilidades e à importância da pesquisa e da produção na área da linguagem sonora, levando em consideração toda sua peculiaridade – elementos, subcódigos, condicionantes.

Cada memória a respeito dos diversos processos de produção aqui compartilhados revela duas realidades: o quanto os(as) estudantes, no ambiente laboratorial, se surpreendem com a dinâmica e a complexidade da linguagem sonora e o quanto ainda temos a experimentar tendo-a como aporte teórico e metodológico.

Ao longo dos semestres, em cada aula, reiteramos que pensar a linguagem sonora não é limita-la à mensagem radiofônica, tanto que cada texto aqui inserido demonstra, em alguma medida, as referências que os(as) estudantes já detinham sobre essa linguagem nos mais diversos meios, como no cinema e no audiovisual, na publicidade, na televisão, na *web* etc.

Todavia, partir dos pressupostos radiofônicos é sempre uma estratégia frutífera. Assim, o que relata cada estudante ao longo dessa obra é como se deu seu contato com a linguagem sonora a partir da produção de mensagens radiofônicas de diversos gêneros (entretenimento, institucional, educativo, cultural, jornalístico, humor, ficcional) e formatos (audiobiografias, programas temáticos, especiais, séries e reportagens). A leitura atenta e contextualizada com a realidade da produção experimental e laboratorial revelará como cada estudante percebeu as vantagens e os instigantes desafios de se trabalhar com a construção de imagens sonoras que primem tanto pelo diálogo entre seus mais diversos elementos e subcódigos – o silêncio, a palavra, a voz, a música, os efeitos, os ruídos etc. (BALSEBRE, 1994) – quanto pela inteligibilidade, correção, relevância e atratividade (ALVES, 1994) das mensagens.

É importante ressaltar que cada atividade proposta e realizada pelos(as) estudantes no LabAudio em cada uma das disciplinas aqui já assinaladas buscaram, muito além da experimentação e da produção de materiais sonoros de diversos gêneros e formatos, o aperfeiçoamento destes em quatro dimensões do saber, indicadas no *Relatório da UNESCO para a educação no século XXI*: o saber conhecer, o saber fazer, o saber ser e o saber conviver.

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer.

Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (DELORS, 1997, p.101-102)

Tais dimensões nortearam as práticas didáticas desenvolvidas em nosso ambiente laboratorial e em muito contribuíram para que fôssemos além daquelas previstas nos planos de aula e “arriscássemos”, em grande equipe, na busca de algo sintonizado com a *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001) em cada produção. Nesse contexto, desenvolvemos ao longo do ano de 2017, em parceria com Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora (NEPLIS/FAC/UnB), o *site* institucional do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação <www.labaudio.unb.br>, que além de permitir o armazenamento de todo o material produzido pelos nossos(as) estudantes, servirá como ambiente permanente, fluído e rico para experimentação, motivando, inclusive, o aperfeiçoamento de estratégias de propagação de conteúdos em áudio no ambiente da convergência digital e da conexão em rede.

Vibrações Sonoras! Boa leitura-escuta!

Elton Bruno Pinheiro | Organizador
Professor da Faculdade de Comunicação
Universidade de Brasília – UnB

(((Sumário)))

PARTE 1 – ROTEIRO, PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO EM ÁUDIO08

A importância da audiobiografia na revelação de tesouros 10

Roberval de Jesus Leone dos Santos

Vidas Sonoras: reflexões sobre a audiobiografia de Taya Queiroz..... 26

Jéssica Barros

Juliana do Vale

Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia 41

Josef Felipe Oliveira

Luiza Rodrigues Santana

Ivanni Gonçalves: audiobiografia da maior pescadora da Serra da Mesa 58

Ariane Lamarão

Gabriel Pimentel

Zé do Pife: uma audiobiografia sobre intervenção sonora 70

Jéssica Moura

Laura Poffo

O Cara do Wrap: estética ficcional em uma narrativa documental sonora 83

Filipe Alves

Rafael Stadniki

Sandra: uma audiobiografia..... 95

Lucas Rafael Justino

Luylla Vieira

Chiquinho, por ele mesmo: uma audiobiografia 109

Bruno Rocha Nascimento

Elnatan Bernardo

PARTE 2 – INTRODUÇÃO À LINGUAGEM SONORA117

O silêncio: a multiplicidade de sentidos do “espaço vazio” 119

Ayana Saito

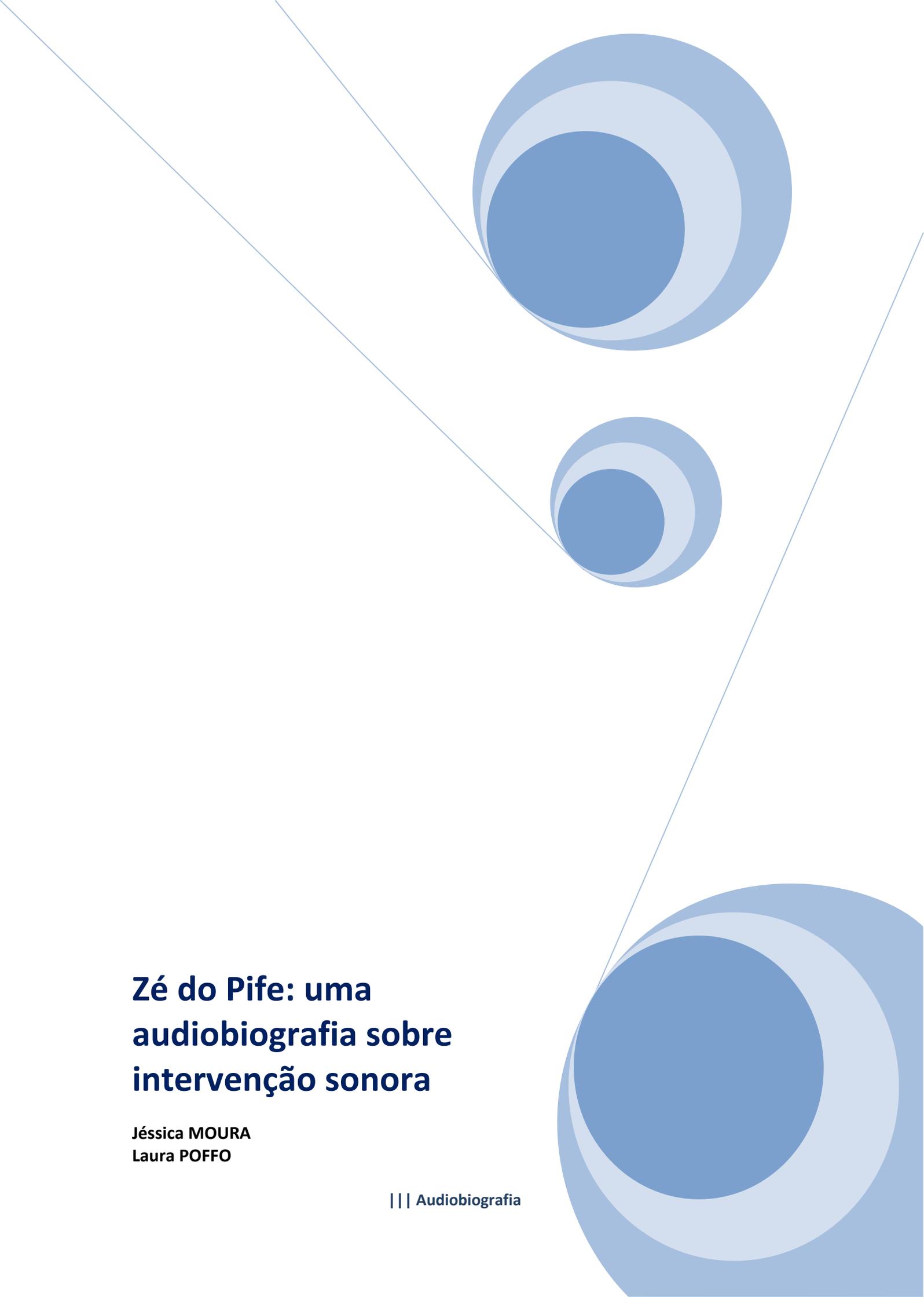
Bruno Calvis

Caio Caldas

Isis Aisha

A palavra como elemento semântico e estético da linguagem sonora	131
Arthur Pontes Costa João Gabriel Soccio Bezerra Lucas Guaraldo Itaborahy Paloma Ferreira Martins	
O som reflexões aplicadas à produção laboratorial experimental:	142
Josianne Diniz Keilla Salvador Thayanne Beatriz	
Reflexões sobre a produção experimental “Acesso FAC – Efeitos Sonoros”	154
Cecília Bastos Cunha Nunes Fernanda Araujo da Silva Mylena Cardoso João Pedro Cavalcante	
A voz: reflexões e plásticas do elemento sonoro	166
Laura Quariguazy da Frota Luã Santilli Daniel Madeira	
A voz como mensagem	175
Luiz Curado Rafaela Schimitt Ryanny Costa Vinicius Vinhal	
Relevância da música para a formação de identidades	187
Agnes Magalhães Clara Maria Ortolani Smith Giovana Azevedo Heloísa Schons	
PARTE 3 – JORNALISMO EM RÁDIO	196
Os desafios da produção e de uma reportagem radiofônica especial	198
Filliphi da Costa	
A produção da reportagem especial no rádio	208
Hallana Moreira Isadora Alves Dueti	
Seu Estrelo e Fuá do Terreiro: uma reportagem radiofônica especial	218
Giullia Vênus Oliveira Santos	

||| PARTE 1 |||
**ROTEIRO, PRODUÇÃO
E REALIZAÇÃO EM ÁUDIO**
Audiobiografias

The background features a white space with three blue circles of varying sizes, each composed of concentric circles in different shades of blue. Two thin blue lines intersect at the top left, forming a large 'V' shape that frames the circles. The largest circle is at the top right, a medium one in the center, and a large one at the bottom right.

Zé do Pife: uma audiobiografia sobre intervenção sonora

**Jéssica MOURA
Laura POFFO**

||| Audiobiografia

Zé do Pife: uma audiobiografia sobre intervenção sonora³³

Jéssica Moura³⁴

Laura Poffo³⁵

Universidade de Brasília – UnB

Registro sonoro como suporte da memória

Os produtos radiofônicos são uma forma de reconstituição do real por meio de uma linguagem específica que pressupõe a interação entre o emissor da mensagem e o receptor para que se cristalice (BALSEBRE, 1994). Dessa forma, o compartilhamento entre eles de uma cultura de códigos e símbolos comuns é essencial para a produção de sentido a partir do rádio. Essa construção agrega ainda efeitos sonoros, música, ruídos e até silêncios à mensagem narrada.

Partindo desse pressuposto, a produção de peças de rádio também é um suporte para a memória e divulgação de trabalhos artísticos. Nessa medida, o intuito deste trabalho foi articular elementos da linguagem sonora para constituir um produto que servisse tanto como divulgação da trajetória do personagem audiobiografado enquanto indivíduo, como também para a valorização da cultura popular por ele disseminada, sem se olvidar do rádio como meio de preservação da memória.

Apesar da proficuidade da linguagem sonora, a oferta demasiada de imagens em nossa civilização cresceu, sobretudo por meio de telas. O visionamento de imagens aumentou em detrimento da apreciação auditiva. Por isso, Baitello (1999, p.21) argumenta que é preciso produzir uma nova cultura do ouvir: “ouvir requer um tempo do fluxo e o tempo do fluxo é o tempo do nexo, das conexões, das relações, dos sentidos e do sentir”.

³³ O audiobiografia de Zé do Pife pode ser acessado em: <http://labaudio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28&Itemid=701>.

³⁴ Graduanda do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: mlvjessica@gmail.com.

³⁵ Graduanda do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: laurapoffo@gmail.com.

Menezes (2007) também reforça a importância dessa retomada do ouvir, na medida em que os produtos radiofônicos seriam complementares à difusão de imagens pelas telas ao acionar áreas diversas no cérebro, que também produzem imagens mentais de outro tipo, estimulando a imaginação.

Além de funções cognitivas, o rádio também é relevante por conta do alcance do público que atinge. Segundo dados divulgados em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 81,4% dos lares brasileiros têm um aparelho de rádio, pelo qual a informação, assim como produtos culturais e de entretenimento encontram milhares de receptores, quase que indistintamente.

A linguagem sonora se vale de alguns artifícios para se fazer eficiente e atingir essa larga faixa de espectadores. Por isso, a construção da peça em áudio se pauta pela inteligibilidade, de modo que o conteúdo seja compreensível para os ouvintes. Além disso, a correção das informações por meio da pesquisa também deve ser uma prioridade, na medida em que a precisão das informações confere credibilidade ao produto. Outro elemento que atrai os ouvintes é a relevância da mensagem, que precisa estar inserida no contexto dele para que tenha sentido. Por fim, a produção radiofônica também deve ser atrativa ao se valer dos recursos sonoros para chamar a atenção (ALVES, 2005, p.307).

A perspectiva da horizontalidade no gênero educativo-cultural

De acordo com Eduardo Vicente (2011), o gênero radiofônico educativo-cultural, como o próprio nome define, transmite temas educacionais e culturais, podendo ser traduzidos em diferentes formatos. No documentário educativo-cultural, os assuntos abordados são mais abrangentes, geralmente de cunho artístico, histórico ou cultural. Já a audiobiografia foca em relatar a vida ou obra de uma personalidade em específico, além de todos os desdobramentos que possa ter gerado na sociedade. O programa temático, por sua vez, discute um determinado conhecimento dentro de uma área ou um assunto.

É interessante observar essas diferentes possibilidades radiofônicas de aprendizado, uma vez que os esforços midiáticos atuais se concentram em uma cultura predominantemente visual. Livros digitalizados (ou já produzidos como digitais), jogos

interativos, filmes de conteúdo histórico são apenas alguns dos exemplos utilizados atualmente para a disseminação a longo alcance de conteúdos diversos.

Além disso, como afirma Kaplún (2017), hoje a educação é interpretada como um processo permanente, podendo ser extraída e trabalhada em qualquer programa, independente de sua finalidade. Dessa forma, a categorização de gêneros radiofônicos pode levar a um engessamento dos conteúdos, fazendo com que se tornem pouco atrativos se apresentados com um caráter excessivamente didático. Como contraponto, é necessário uma mudança de conceito da educação radiofônica;

Não só as emissões especializadas destinadas à alfabetização e difusão de conhecimentos básicos – cujas utilidade e necessidade não se questionam – mas também aquelas que buscam a transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade; aquelas que se propõem elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em agente ativo da transformação do seu meio natural, econômico e social. (KAPLÚN, 2017, p. 22).

Assim, rompe-se com o “verticalismo” existente nos tipos tradicionais de comunicação (KAPLÚN, 2017, p. 35). A educação muda seu papel de depositante para transformadora, instigando a horizontalidade e a participação na construção do conhecimento. O rádio passa a ser parte da realidade social à qual se direciona a partir do momento que contribui para sua consciência e alinha suas ações educativas com os interesses desse conjunto.

A destituição de um espaço formalizado e especializado pode ampliar e valorizar o meio radiofônico como agente transformador na sociedade. Ao trabalhar diferentes linguagens e ferramentas nos formatos já existentes, é possível gerar novas formas de aprendizado, levando à intersecção de gêneros e abordagens cada vez mais adaptadas ao contexto tecnológico atual.

Como exemplo de meio comunicacional disruptivo e acessível quanto à sua comunicação, os *podcasts* são um material em áudio de grande repercussão digital. Seu formato de “pílula” de conteúdo permite diferentes narrativas e métodos de conteúdo.

O *podcast Café Brasil*³⁶, por exemplo, faz parte de um projeto que provoca a reflexão sobre temas diversos, quase sempre abordando cultura, cidadania, educação e comportamento. De caráter nacional e reflexivo, o programa utiliza música e arte como suporte de seus assuntos, sempre buscando transportar o ouvinte para o contexto apresentado. Dessa maneira, o *Café Brasil* demonstra como envolver o público com assuntos de relevância cultural e educativa, transformando a realidade com o auxílio de quem busca atingir.

O papel da audiobiografia na difusão de trajetórias

Lissiany Silva, Ingrid Freire e Adriano Gomes (2013) classificam a audiobiografia como um formato de produção em áudio inserida no gênero educativo-cultural que se debruça sobre a trajetória de uma personalidade ou objeto. O propósito desses programas é contribuir para a formação dos ouvintes sobre o contexto cultural em que estão inseridos. Por isso, a audiobiografia está inserida no gênero educativo-cultural, já que o produto visa difundir exatamente esses dois aspectos.

Para assegurar uma comunicação eficiente, a audiobiografia precisa seguir alguns preceitos radiofônicos, como: inteligibilidade, correção, relevância e atratividade. (Cf. ALVES, 2005). Assim, o interesse da audiência é mantido e a mensagem pode ser mais facilmente absorvida.

É o caso dos *podcasts* produzidos pelo *Nexo Jornal*. A produção se debruça em uma profunda pesquisa sobre um tema específico e articula o formato de apresentação ao conteúdo, como no programa *Um podcast sobre podcasts: a nova era de ouro do rádio*³⁷.

Em uma peça de 31'56", os produtores buscaram dados que remontam à realização dos primeiros *podcasts* nos Estados Unidos e comparam aquela produção à atual para evidenciar que há uma renovação e uma retomada dessas produções. Ao mencionar as fontes, reforçam a precisão da pesquisa realizada. O autor ainda enumera diversos exemplos de *podcasts* e descreve as características de produção, com o apoio de entrevistas de especialistas.

³⁶ O *podcast Café Brasil* pode ser acessado em: <<http://www.portalcafebrasil.com.br/todos/podcasts/>>.

³⁷ A peça pode ser acessada em: <<https://www.nexojournal.com.br/podcast/2017/03/31/Um-podcast-sobre-podcasts-a-nova-era-de-ouro-do-r%C3%A1dio>>.

Apesar de não se tratar de uma personalidade, o programa busca compor um quadro sobre a efervescência dos *podcasts* articulando diversos elementos, ao coletar informações em diversas fontes encadeadas em uma narrativa progressiva, assim como poderia se fazer caso se tratasse da trajetória de uma pessoa. Além disso, a peça também é criativa na medida em que utiliza recursos da linguagem de rádio e de *podcasts* e áudios de arquivo, assim como o bom uso da oralidade no texto, que torna o produto mais atrativo e inteligível aos ouvintes. Com a propagação desse modelo a partir da popularização da *internet*, a relevância do programa se justifica por ser de interesse dos ouvintes que consomem esse tipo de produto.

A audiobiografia de um notável: o processo

Zé do Pife foi escolhido para ser biografado por ser uma personagem que agrega uma trajetória de vida notável e atrelada à música, um dos elementos sonoros que seria muito explorado na construção do texto radiofônico. O instrumentista é autodidata no pífano e deixou Pernambuco na juventude para buscar melhores condições de vida em São Paulo. De lá, veio para o Distrito Federal, mas logo perdeu o emprego na fábrica em que trabalhava e passou a tocar em diversos pontos da cidade, gerando renda a partir das apresentações de pífano.

Apesar de trabalhar há 27 anos na Universidade de Brasília (UnB), oferecendo oficinas do instrumento, ele ainda permanece desconhecido para boa parte da comunidade acadêmica. Por isso, as aulas de pífano, que ocorrem de modo quase marginal à beira do Instituto Central de Ciências (ICC), ainda são novidade para o corpo discente e docente, o que justifica a audiobiografia do personagem, cujo caráter é inusitado.

Zé do Pife produziu os primeiros pífanos com a madeira do talo de abóboras aos sete anos de idade. Nessa idade aprendeu a tocar o instrumento com o irmão de modo totalmente intuitivo e autodidata, método que hoje, quase 60 anos depois, ainda aplica nas oficinas que oferece na UnB.

Os alunos aprendem as notas musicais a partir da interação com o mestre e com os demais colegas: não há cadernos ou canetas, e a sala de aula é a céu aberto:

tudo que utilizam para absorver a lição são os ouvidos, assim como fez o pifeiro em sua infância em Pernambuco.

Ele mudou-se para Brasília (DF) em 1992, para trabalhar em uma empresa de engenharia, mas logo após um corte de gastos na fábrica, foi um dos dispensados. Foi essa ocasião que o motivou a buscar uma alternativa para sobreviver na capital, e o pífano foi a solução encontrada. Atualmente, vive no Riacho Fundo, a cerca de 30 quilômetros do Plano Piloto, onde desembarca de terça a sexta-feira.

O trajeto é percorrido de ônibus, mas Zé do Pife não se queixa da distância ou do peso de carregar os instrumentos nas costas e em sacolas nos dois braços: até hoje, ele fabrica os instrumentos que vende na universidade aos novos estudantes. Apesar de analfabeto, decora as músicas de outros artistas e compõe canções autorais que transmite enquanto professor.

Para a elaboração da peça, iniciamos em dupla uma pesquisa em jornais locais que já haviam entrevistado Zé do Pife para reunir informações preliminares do personagem. Com esse material, pudemos preparar uma lista de questões que faríamos ao músico quando fôssemos entrevistá-lo: origens, chegada ao Distrito Federal, desenvolvimento do trabalho na UnB, rotina e perspectivas para o futuro.

Com um pré-roteiro traçado, abordamos Zé do Pife durante uma das oficinas que ministra no campus Darcy Ribeiro. Naquela oportunidade, optamos por captar o som direto das fontes sonoras com aparelhos de celular e além do depoimento do biografado, ainda gravamos as vozes de alunos, os ruídos e a música tocada por eles, que acabaria sendo utilizada como trilha sonora. A captação ficou a cargo de Laura Poffo enquanto Jessica Moura conduzia a entrevista com o personagem.

Depois da captação, partimos para a redação final do roteiro. Para valorizar as raízes nordestinas do personagem, e como forma de deixar o produto mais atraente, optamos por produzir o roteiro sobre a vida de Zé do Pife em versos; assim, a forma de apresentação seria coerente com o conteúdo e contexto do depoimento dele para valorizá-lo.

Diante dessa escolha, era necessário que a locução também fosse adaptada em relação à narração de um texto jornalístico: Laura precisou imprimir à voz uma entonação que desse ritmo às rimas e à métrica do roteiro, e a direção seguiu esse pressuposto nas gravações em estúdio.

Durante a montagem em conjunto da audiobiografia, a preocupação foi valorizar os sons originais captados no ambiente da entrevista. Por esse motivo, optamos por não usar efeitos sonoros, além de revelar a personalidade e a história do personagem por sua própria voz. Nesse sentido, utilizamos como trilha sonora as músicas tocadas pela turma de pifeiros, intercalando a entrevista de Zé do Pife à narração.

Contudo, essa escolha também acarretou dificuldades técnicas, na medida em que captar as entrevistas e o som ambiente simultaneamente com um só aparelho uniu os dois elementos em um só arquivo digital. Por isso, durante a edição do material, a escolha das sonoras se deu não só pelo conteúdo dos áudios, mas também pela inteligibilidade.

Sendo assim, em situações de grande profusão sonora, colocar a fonte do som, no caso o entrevistado, em um ambiente mais silencioso, favorece o aproveitamento do material na ilha de edição e assegura maior clareza à mensagem. Em situações de recursos reduzidos, em que se dispõe de apenas um gravador, o ideal é captar a voz separadamente dos demais sons.

Além disso, a peça se torna mais atraente quando o formato e o conteúdo da biografia interagem de modo criativo, pois dessa maneira evita-se que a atenção do ouvinte seja pulverizada, uma vez que a metalinguagem torna-se um elemento inusitado na peça.

A produção de audiobiografias é amplamente baseada na pesquisa sobre a personalidade que será biografada, seja para reconstituir sua trajetória, ou confrontar a ela ou a terceiros sobre a história. Portanto, planejar a etapa de pesquisa com minúcia assegura a elaboração da espinha dorsal da peça que vai sustentar e determinar o desenvolvimento da audiobiografia.

Por uma estética da autenticidade

Levando em conta o objetivo de reproduzir a realidade de Zé do Pife, optamos por uma sonorização ambiente captada no próprio local de trabalho do personagem. Utilizando os recursos de *fade-in* e *fade-out*, foi possível suavizar a inserção do ouvinte no universo de Zé do Pife, transportando e configurando um espaço sonoro próprio.

Reconhecemos que Zé do Pife é uma verdadeira intervenção sonora na Universidade de Brasília, trazendo novos significados para esse local público de aprendizagem. O fato de dar suas aulas de pife na calçada, um caminho de passagem e de uso coletivo, reforça o seu caráter de ressignificação. Por esse motivo, buscamos traduzir esse contexto em momentos de idas e vindas de sons ambientes, como forma de intervenção na realidade do ouvinte.

Conversas, risadas e passos são sobrepostos a momentos de fala do personagem, simulando um momento de conversa entre Zé e o ouvinte durante uma pausa em sua rotina como professor de pife. Ainda assim, não descartamos a inteligibilidade como princípio da linguagem sonora, buscando uma captação mais isolada das falas de Zé.

Ainda que tenhamos utilizado uma linguagem não falada para a composição da narração, com rimas e musicalidade, a literatura de cordel foi a inspiração ideal para a história de Zé do Pife, que respira diariamente sua música e sua origem nordestina. A descrição adjetivada de locais e personagens, a valorização da astúcia e as anedotas de causa e consequência são elementos do cordel que evocam ao personagem em si, procurando o máximo de autenticidade.

Como forma de percurso sonoro, mantivemos uma mesma trilha sonora do início ao fim da audiobiografia. Dessa forma, o ouvinte poderia se sentir como um universitário que, ao chegar à Universidade de Brasília, ouve uma música animada e rítmica a certa distância. Curioso sobre sua origem, ele se deixa conduzir pela fonte da percussão e da cantoria, chegando até a aula ministrada por Zé do Pife.

Os momentos de suposto silêncio entre as falas de Zé e da narração são preenchidas por essa música, de origem nordestina e cantada pelo personagem e por seus alunos. Esse mecanismo também remete ao ritmo incessante de sua rotina como professor, que consiste em ministrar aulas das 10h às 16h de segunda à sexta-feira.

Considerações finais

Através do trabalho realizado, foi possível constatar os diversos caminhos que podem ser tomados ao longo de uma produção radiofônica. A inteligibilidade e a clareza necessárias são desafios e, ao mesmo tempo, questões norteadoras para todo

o processo de elaboração da peça. São momentos de precisão entre vinhetas, transições ou cortes que definem a entrega do conteúdo ao destinatário, e é necessário manter-se atento a cada um desses instantes.

Se não é possível atrair e manter a atenção do ouvinte ao longo de toda a veiculação, o propósito educativo do conteúdo será perdido, sendo trocado por outro canal ou ouvido sem o menor compromisso. Em seu cerne, o formato educativo é um contraponto ao conteúdo padrão das mídias, justamente por questionar, criticar e ressignificar. É uma forma clara de se quebrar a rotina, o que rompe com qualquer circunstância de conforto ou comodidade. Em um contexto atual de tantas adaptações midiáticas às preferências individuais, é um desafio se sobrepor ao senso comum.

Acima de tudo, se a mensagem não se adequa ao seu fator educativo, com mecanismos e linguagem acessíveis, corre-se o risco de gerar incompreensão e rejeição pelo próprio público alvo do conteúdo. É vital reconhecer a percepção social dos destinatários, de modo a transmitir qualquer valor de maneira íntegra e gerar a identificação necessária.

Essa condição é ainda mais evidente quando se busca apresentar um personagem externo à realidade do ouvinte. É importante criar zonas de encontro entre o ambiente do indivíduo e do personagem, para que haja um interesse real pela história contada e a verdadeira apreensão, ao menos em nível humano e social, do conteúdo apresentado.

Por fim, o laboratório de áudio da Faculdade de Comunicação se mostrou um local ideal para experimentações da linguagem sonora e de seus diversos formatos. A troca de experiências, realidades e pressupostos no contexto radiofônico foi essencial para a construção de um conhecimento completo em diversidade e veracidade. Dessa forma, é possível se pautar, com segurança, em caminhos já experimentados, além de estender a criatividade com ferramentas de grande tradição no meio.

Referências

ALVES, Walter. A cozinha eletrônica. In: MEDITSCH, Educarado (org.). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005

BAITELLO Jr, Norval. Radio Nova. In: **Constelações da Radiofonia Contemporânea 3**. Org. Lílian Zaremba, Ivana Bentes. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1999.

BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica** in MEDITSCH, Eduardo (org) Teorias do rádio – textos e contextos vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. Florianópolis: Insular, 2017.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Cultura do ouvir: vínculos sonoros na contemporaneidade**. 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0644-1.pdf>> Acesso em: 10 out. 2017.

PIRES, Luciano. **Podcast Café Brasil**. Disponível em: <<http://www.portalcafebrasil.com.br/todos/podcasts/>>. Acesso em: 12 out. 2017.

RODRIGUES, Thais. Há nove anos, Zé do Pife atrai alunos com suas oficinas na UnB. **Metrópoles**. Brasília, 27 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/ha-nove-anos-ze-do-pife-atrai-alunos-com-suas-oficinas-na-unb>>. Acesso em: 12 out. 2017.

SILVA, Lissiany de Oliveira, FREIRE, Ingrid Dantas e GOMES, Adriano Lopes Gomes. **Os Filhos Deste Solo: Audiobiografia de Personalidades do Rio Grande do Norte**. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/expocom/EX23-0621-1.pdf>> Acesso em: 11 out. 2017.

VICENTE, Eduardo. **Gêneros e Formatos radiofônicos**. 2011. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/61.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

Anexo – Roteiro

Ficha Técnica	
Apresentação/Locução: Laura Poffo	Produção: Laura Poffo e Jéssica Moura
Pesquisa: Laura Poffo e Jéssica Moura	Edição: Laura Poffo e Jéssica Moura
Roteiro: Laura Poffo e Jéssica Moura	Direção/Orientação: Elton Bruno Pinheiro

Sinopse do Programa
Zé do Pife é músico de ofício e ensina diversos ritmos ao ar livre em oficinas na Universidade de Brasília.

Programa: **Vidas Sonoras – Especial “Zé do Pife”**

TÉC	<u>VINHETA DE ABERTURA - 1X - CORTA</u> <u>TRILHA: Zé do pife tocando com os alunos - 4” - BG</u>
LOC 1	Um pifeiro pernambucano/ de São José do Egito/ veio para o Distrito/ espalhar o seu talento//
TÉC	<u>SONORA - ZÉ DO PIFE</u> <u>DX FINAL: ... minha história.”</u>
LOC 1	O ritmo ele aprendeu quando criança/ e depois 40 anos de andança,/ veio parar na UnB/ e ensinar o pife no ICC//
TÉC	<u>SONORA - ZÉ DO PIFE</u> <u>DX FINAL: ... a muito tempo.”</u>
LOC 1	O talento logo chamou atenção dos estudantes da universidade/ que o chamaram para ensinar a canção,/ que ele diz ser de felicidade//
TÉC	<u>SONORA - ZÉ DO PIFE</u> <u>DX FINAL: ... esse tronco de pau.”</u>
LOC 1	Quem passa não deixa de notar/ o xote,/ o frevo,/ o forró,/ mesmo sem saber ler,/ as letras Zé do Pife sabe de cor//
TÉC	<u>SOBE TRILHA - 5” – BG</u>
LOC 1	Do Riacho Fundo ele sai carregado,/ com zabumba,/ triângulo/ e pife no braço,/ Zé não se faz de rogado,/ e bota todo mundo no compasso//
TÉC	<u>SONORA - ZÉ DO PIFE</u> <u>DX FINAL: ... de um lado só.”</u>
LOC 1	Para aprender com Zé, basta querer/ mas também o pífano tem que ter,/ é o mestre quem fabrica o instrumento/ que do bambu tira seu sustento//
TÉC	<u>SOBE TRILHA - 5” – BG</u>
LOC 1	As notas ele canta para os estudantes,/ Asa Branca é a lição dos

iniciantes./ Quem já sabe, monta banca./ Quem não sabe, se levanta//

TÉC **SONORA - ZÉ DO PIFE**
DX FINAL: ... não é uma ou duas.”

LOC 1 Mas a cantoria agora vai crescer,/ Zé do Pife vai lançar um CD,/ com as
alunas Juvelinas/ que ajudou a florescer.//

TÉC **SONORA - ZÉ DO PIFE**
DX FINAL: ... e aprenderam.”

LOC 1 Este foi o Programa “Vidas Sonoras”,/ especial “Zé do Pife”/
Uma produção das alunas de Roteiro, Produção e Realização em
Áudio./da Faculdade de Comunicação da UnB.//
Locução:/ Laura Poffo//
Roteiro,/ produção/ e edição:/ Laura Poffo e Jéssica Moura//
Orientação:/ Professor Elton Bruno Pinheiro//
Apoio:/ Laboratório de Áudio – FAC/UnB///

TÉC **SONORA - ZÉ DO PIFE**
DX FINAL: ... contasse quatro.”
TRILHA - FADE OUT

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília